

ARUANDA

06/09/2005

Lúcio César Fernandes Murilo*

A Paraíba, em sua representação clássica e estereotipada (aridez das paisagens, o tipo físico dos seus habitantes, pobreza econômica, fome...), pode ser vista como um estandarte para nossa produção de imagens. Ela nos dá uma visão panorâmica, repleta de intimidades com esse "Brasil Real". Retrato, discutido e narrado por diferentes ângulos e lentes, deixando transparecer as facetas e bravuras da realidade de seu povo.



ARUANDA é um filme feito em 35mm, em Preto & Branco, com 20 minutos de duração, finalizado em 1960, e dirigido por Linduarte Noronha (ex- professor da UFPB/DECOM). É provável que esta seja a obra local de maior reconhecimento nacional e internacional, inaugurando todo um gênero de fazer cinema no Brasil (Cinema Novo), abordando temáticas da realidade e mostrando o Brasil como realmente ele é.

O filme conta a história do ex-escravo e madeireiro Zé Bento, que partiu com a família à procura de terras sem dono, onde pudesse sobreviver e fazer sobreviverem os seus, longe da estupidez do sistema escravocrata. Ao se fixar na terra, ele deu origem ao Sítio Olho d'Água da Serra do Talhado, em Santana do Sabugi (PB), em meados do século XX. Outros negros alforriados e fugidos logo começaram a ouvir falar de um certo Sítio de Zé Bento. E começaram a tomar o rumo da Serra do Talhado fazendo surgir, no local, um quilombo.

Com o tempo, Talhado transformou-se num quilombo pacífico, com uma pequena população presa a um ciclo econômico trágico e sem perspectivas, variando do plantio do algodão à cerâmica primitiva, vendida na feira ao pé da serra, na cidade de Santa Luzia (PB).

O filme, simples e primitivo, mexeu com a cabeça de Glauber Rocha em uma época em que o Cinema Novo só existia dentro dele. Linduarte mostrou um Brasil que permaneceu inalterado ao longo dos séculos e tão autêntico e primitivo quanto seu filme. Era a estética da fome retratada pela fome. Fazendo frente aos recursos já existentes no universo cinematográfico, ARUANDA foi filmado com uma câmera, um tripé, algumas idéias na cabeça e muita criatividade. O cotidiano dos moradores do Sítio Olho d'Água da Serra do Talhado é contado através de uma narrativa em *Off*, reforçando a impressão de distanciamento entre estes dois universos que finalmente se encontram através de um projetor e uma tela branca. Contemporâneos sim! Em seu tempo, mas, distantes, quase um século em sua realidade. Linduarte consegue aproximar estes dois Brasis através das lentes de velha câmera de 35mm, a corda, de maneira clara e objetiva, projetando, em salas escuras, um país que não interessava ser mostrado. Estava finalmente, nas telas, o Brasil dos negros, dos pobres e dos esquecidos, em sua incansável luta pela sobrevivência longe de tudo e de todos.

ARUANDA é importante pelo simples fato dele existir; é o primeiro ato de guerrilha cultural, promovido pelos "atrevidos" cineastas paraibanos. Eles testemunharam, como efeito, uma enxurrada de produções em nosso Estado, que permanecem desconhecidas do grande público, em um perpétuo anonimato para grande massa burrificada pelo cinema de mocinho e bandido de histórias impossíveis e mirabolantes que enchem os olhos e as mentes, e esvazia a alma de nosso povo.

Ganhavam as telas não só a audácia impetuosa de jovens cineastas paraibanos, mas também toda uma vontade de fazer daqueles que sempre foram esquecidos pela nação, finalmente, nem que fosse por vinte minutos, parte integrante dela. E neste curto instante reivindicar silenciosa e verdadeiramente seu espaço como brasileiros.

Fazer um cinema identificado diretamente com seu povo, longe dos interesses imperialistas que drenaram a subsidiada força da Vera Cruz (SP) e da Atlântica (RJ) era, com certeza, a grande herança para todas gerações seguintes. A receita do bolo era uma câmera na mão e uma idéia na cabeça e a partir de então, todo mundo podia copiar e chamar este jeito "Paraíba" de fazer cinema, do que bem lhe conviesse, até de "Cinema Novo".

Entre Aruanda e Cidade de Deus, muita coisa mudou na terra invadida por Cabral, menos a realidade do Sítio Olho d'Água da Serra do Talhado. O cinema paraibano continua fazendo guerrilha. E quanto àqueles impetuosos quixotescos desbravadores da imagem em movimento?

Continuam jovens!

***Lúcio César Fernandes Murilo** é aluno do Curso de Comunicação Social da UFPB, habilitação Radialismo. O presente artigo foi produzido para a disciplina Português V (Roteiro II), da habilitação de Radialismo, ministrada pela professora Andréia Moreira, período 2005.1.